

MEMORIAL DE TÍTULOS
PROFA. DRA. ALDA BRITTO DA MOTTA
PARA
OUTORGA DO TÍTULO DE PROFESSORA EMÉRITA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA¹

Cecilia M. B. Sardenberg²

Este memorial tem por objetivo apoiar a outorga do título de Professora Emérita da Universidade Federal da Bahia à Professora Doutora Alda Britto da Motta, Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/FFCH/UFBA) e Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM/FFCH/UFBA). Sua longa e intensa dedicação ao ensino, pesquisa e atividades de extensão na FFCH, particularmente no NEIM, do qual é uma das fundadoras, em muito a qualificam para esse honroso título. Senão vejamos:

Nascida em Propriá, no Estado de Sergipe, em 26 de outubro de 1931, a Profa. Alda, ainda menina, mudou-se com seus pais para Salvador, onde viviam seus avós maternos. Pouco tempo depois seus pais faleceram passando ela a ser criada, a partir de então, por esses avós, crescendo no bairro da Ribeira. Depois de concluir os estudos básicos, trabalhou como taquígrafa na Assembleia Legislativa da Bahia, deixando essa

¹ A homenagem foi efetivada em 17 de maio de 2023, com a outorga do título à Profa. Dra. Alda Britto da Motta, pelo Magnífico Reitor da UFBA, Prof. Dr. Paulo Cesar Miguez de Oliveira, com base neste Memorial. Agradeço às Professoras Doutoradas Ângela Maria Freire, Sílvia Lúcia Ferreira e Rosário Carvalho, pela colaboração na sua elaboração.

² Professora Titular de Antropologia e Pesquisadora Permanente do NEIM/UFBA..

função em 1967, após concluir sua graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, tendo antes, porém, cursado alguns semestres na Escola de Dança, uma de suas grandes paixões até hoje!

Depois de formada pela UFBA, ela se casou e acompanhou o marido que fora contemplado com uma bolsa de pós-graduação na Espanha, assumindo, no retorno, o cargo de Socióloga na Secretaria do Trabalho. Exerceu essa posição até o ano de 1971, quando, aprovada em concurso público, ingressou como Auxiliar de Ensino no Departamento de Sociologia da UFBA,³ começando a cursar, paralelamente, o Mestrado em Ciências Humanas - depois renomeado Mestrado em Ciências Sociais e, hoje, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - da mesma universidade.

A essa época, a Profa. Alda já era mãe de três filhos pequenos e vivia um momento bastante difícil em seu casamento. Apesar de ser Procurador do Estado e Professor da UFBA, seu marido se opunha ao avanço dos seus estudos, criando todo tipo de dificuldade para que ela não concluísse e defendesse a dissertação. Por conta disso, ela foi obrigada a se abrigar na casa de uma amiga, onde concluiu a dissertação em tempo recorde e a defendeu com louvor!

Foi, de fato, uma demonstração de empenho e resistência. Durante todo esse período, ela recebia constantes ameaças do marido, ameaças essas que não podiam ser menosprezadas, vez que, como Procurador do Estado, ele poderia fazer uso de sua influência para acusá-la de abandono do lar e ficar com a guarda dos filhos. Por tudo isso, tão logo se deu a entrega e defesa da dissertação, a Profa. Alda se separou do marido, ao tempo em que era aprovada, também, em concurso interno da FFCH para o cargo de Professora Assistente. Isso tudo no ano de 1977, ano que marcou profundas mudanças em sua vida doméstica e profissional.

Há que se lembrar que os anos 1970 foram palco da emergência de movimentos feministas nos Estados Unidos e países da Europa, engatinhando, porém, nos países do Cone Sul, o Brasil dentre eles, então sob o jugo de ditaduras militares. Na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, contudo, já se descortinava o interesse pelas propostas feministas, com estudos sobre mulheres ganhando espaço nos cursos oferecidos

³ Apesar da Constituição de 1934 estipular os concursos públicos de provas e títulos para o serviço público, até 1968, a estrutura das universidades ainda se baseavam nas “cátedras vitalícias”, o professor catedrático escolhendo e nomeando dentre seus discípulos os que atuariam como ‘auxiliares de ensino’. A Reforma Universitária de 1968 tornou os departamentos como unidades acadêmicas básicas, estabelecendo ainda a contratação de professores de tempo integral por meio de concurso/seleção pública. O ingresso era como “auxiliar de ensino”, a progressão se dando a partir de concursos internos (BALBACHEVSKY,2005).

pela Profa. Zahidée Machado Neto no Programa de Mestrado em Ciências Humanas, e nas dissertações que ali orientava, dentre elas, a da Profa. Alda.

Defendida sob o título, “Visão de mundo da empregada doméstica”, o trabalho se voltava para o emprego doméstico como uma questão de gênero e de relação de poder, com destaque para a articulação de classe e gênero, ‘*avant la lettre*’⁴ A referida dissertação iniciou, assim, um período de estudos e pesquisas da Profa. Alda na temática do emprego doméstico, conforme ela própria declarou em entrevista:

Não existia a discussão de gênero na época, muito menos teorias a respeito. Entretanto, desde o início das minhas atividades docentes sempre inseri nas discussões em sala de aula, inclusive com seminários, as temáticas, que toda a vida considerei fundamentais: relações entre os sexos e relações entre as gerações. Ao longo da década de 70, enquanto ia emergindo teoricamente a categoria gênero, comecei a utilizá-la. Com muito cuidado nas discussões, para não incorrer na falha (comum na época) de usar gênero como sinônimo ou em lugar de mulher; ou, talvez pior, despolitizá-la, usando-a com simplismo, como se não subentendesse relações de poder. Na pesquisa, trabalhava com emprego doméstico (tema da dissertação de Mestrado, em 1977) como uma questão de gênero. Fiz, inclusive, dois artigos sobre homens no emprego doméstico.⁵

Faz parte dos trabalhos em torno dessa temática o artigo “A Relação Impossível”, apresentado ao Seminário “Relações de Trabalho e Relações de Poder”, realizado em Fortaleza, em 1986 (BRITTO DA MOTTA, 1987), que analisa como os recortes de gênero na situação de classe e, vice-versa, os de classe nas relações de gênero – ou seja, como as intersecções de gênero e classe – demarcam as relações entre patroas e empregadas domésticas, ora aproximando-as, ora afastando-as, colocando-as em polos opostos. Segundo a própria Profa. Alda observou na mesma entrevista:

Tenho um velho artigo de 1986, “A Relação Impossível”, sobre relações de gênero e classe entre patrões empregadas no trabalho doméstico, que descobri recentemente que continua sendo lido e discutido em aulas pelos colegas. Poderia assinalá-lo como um dos meus primeiros insights analíticos sobre a diversidade social e suas ambiguidades. Ele está publicado no volume de textos do evento Relações de Trabalho e Relações de Poder, que iria se transformando no CISO, naquele ano realizado no Ceará.⁶

Como um desdobramento desse seu interesse por questões do emprego doméstico no capitalismo,⁷ passou a assessorar a Associação de Empregados Domésticos da Bahia – que mais tarde se transformaria em Sindicato de Trabalhadores Domésticos – ajudando-

⁴ São trabalhos publicados por ela em torno do trabalho doméstico: BRITTO DA MOTTA, 1984; 1985a; 1985b; 1986; 19874

⁵ Disponível em: <https://docplayer.com.br/amp/80481792-Entrevista-alda-britto-da-motta-re-inicio-de-suas-atividades-na-ufba.html>

⁶ Disponível em: <https://docplayer.com.br/amp/80481792-Entrevista-alda-britto-da-motta-re-inicio-de-suas-atividades-na-ufba.html>

⁷ Veja-se: BRITTO DA MOTTA 1985b

os nos trâmites para conseguirem o apoio na compra da casa que se tornaria sua sede. Essa e outras lutas em torno da organização dessas trabalhadoras foram então objeto do trabalho desenvolvido por Alda sob o título, “Association of Domestic Servants: The Case of Brazil”, que foi apresentado ao Third International Interdisciplinary Congress on Women, realizado em Dublin, Irlanda, em 1987 (BRITTO DA MOTTA, 1987).

A essa época, a Profa. Alda Motta já integrava o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – o NEIM, que fora criado em maio de 1983, por iniciativa da Profa. Ana Alice Costa do Departamento de Ciência Política. O núcleo reunia, então, além das citadas professoras, outras pesquisadoras também ‘fundadoras’, atuantes em diferentes departamentos e programas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH), que já trabalhavam então no campo dos estudos sobre mulheres, a saber: Profas. Maria Luíza Belloni, do Departamento de Sociologia, Cecília Sardenberg, do Departamento de Antropologia, Maria Lígia Quartim de Moraes, então Bolsista Recém-Doutora do CNPq no referido Mestrado e a Mestranda Maria Amélia Ferreira de Almeida, orientanda da Profa. Alda. Em tempo, o NEIM veio a se tornar, por assim dizer, a sua “segunda casa”: Alda não só participou do seu vir a ser, como também do seu crescer e se projetar mundo afora, contribuindo para que, prestes a completar 40 anos de atividades, o NEIM se destaque ainda hoje como o núcleo de estudos feministas mais antigo no país, ainda em ação, e o primeiro (em toda a América Latina) e único (no Brasil) a oferecer um Programa de Pós-Graduação, com Mestrado e Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos – o PPGNEIM da FFCH da UFBA.⁸ Conforme a Profa. Alda, em entrevista, confidenciou quando perguntada sobre sua inserção no NEIM: “A rigor, não me inseri no NEIM; o NEIM se inseriu em mim. E em Ana Alice Costa e Cecília Sardenberg. Nós o fundamos, em maio de 1983, E aqui estamos com ele.”⁹

Vale lembrar que os anos 1980 foram marcados pelo processo de redemocratização do país, os movimentos feministas atuando junto a outros movimentos sociais nesse sentido, tendo importante participação nos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988), bem como na formulação de propostas constitucionais que foram encampadas integralmente pelo Fórum de Mulheres de

⁸ Sobre a história do NEIM, veja-se SARDENBERG (2020).

⁹ Disponível em: <https://docplayer.com.br/amp/80481792-Entrevista-alda-britto-da-motta-re-inicio-de-suas-atividades-na-ufba.html>.

Salvador e incluídas no Capítulo da Mulher da Constituição do Estado da Bahia de 1988. O NEIM fez parte desse Fórum, participando, também, ativamente, na organização das demandas dos movimentos de mulheres, com destaque para os trabalhos voltados para a elaboração da Lei Orgânica do Município de Salvador. Para tanto, obteve-se apoio da Fundação Ford com o intuito de realizar uma pesquisa sobre creches comunitárias no Subúrbio Ferroviário de Salvador, como subsídio à emenda popular de apoio às tais creches, apresentada pela Federação das Associações de Bairros de Salvador - FABS.

Um dos importantes desdobramentos desses esforços foi a parceria estabelecida com a AMPLA – a Associação de Moradores de Plataforma, um grupo bastante atuante de mulheres envolvidas nos movimentos de bairros de Salvador, liderado pela socióloga Antônia Garcia, que em tempo viria integrar-se ao NEIM como pesquisadora associada. No início dos anos 1990, as mulheres da AMPLA se mobilizavam para a criação do Centro da Mulher Suburbana - o CEMS, para o que o NEIM contribuiu com pesquisas e atividades de extensão que aproximaram bastante nossa equipe dos diferentes grupos de mulheres atuantes no Subúrbio.

A Profa. Alda participou com afinco de todas essas atividades, abrindo-se então a possibilidade de investigar, mais sistematicamente, os múltiplos significados e implicações da atuação de mulheres da periferia nos movimentos sociais de Salvador, tema que ela já havia antes abordado. Suas reflexões sobre tal questão foram discutidas em um artigo elaborado em parceria com sua colega do Departamento de Sociologia, a Profa. Dra. Inaiá M.M. Carvalho, publicado sob o título: “Familiarizando (-se com) o Público e Politizando o Privado” (BRITTO DA MOTTA; CARVALHO, 1993)¹⁰. Nesse artigo, as autoras revelam como a participação nos movimentos de bairro propicia, às mulheres, avançar nos espaços públicos, estendendo os limites de suas funções para com a família e do ‘doméstico’, indo e vindo do privado para o público e, assim, transformando um e outro espaço e, paralelamente, se conscientizando de sua situação de classe e de gênero no processo.

Destaque-se, ainda, que as atividades de pesquisa e extensão com os grupos de mulheres do Subúrbio, particularmente os grupos de “idosas”, levaram a Profa. Alda também a descortinar questões até então muito pouco visitadas nos estudos feministas, quais sejam, as voltadas para as intersecções entre gênero e gerações, com especial

¹⁰ Veja-se, ainda: Britto da Motta, Alda; CARVALHO, Inaia Maria Moreira de, Pauperization And Women’s Participation In Social Movements In Brazil In: *Paying The Price*.1 Ed.London, U.K.: Zed Books, 1995, p. 73-90.

atenção às relações de gênero no processo de envelhecimento. Sua tese de doutoramento, intitulada “Não tá morto quem peleia (a pedagogia inesperada nos grupos de idosos)”, defendida em 1999, na Faculdade de Educação da UFBA, sob a orientação do Prof. Dr. Rogério Cunha de Campos, versou sobre questões de gênero e geração nos grupos de idosos, área na qual ela é uma das precursoras e hoje, reconhecida referência no Brasil, bem como internacionalmente. Refletindo sobre sua tese, a Profa. Alda assim se expressou:

Na década de 90, fazendo o doutorado, (mais ou menos tardiamente, exatamente devido à minha condição de mulher-separada-criando três filhos sozinha-sem poder viajar para fazer cursos), foi a vez de fixar-me naquela outra dimensão do meu interesse, [...], relações entre gerações. Fixando num sentido afirmativo, ao mesmo tempo teórico e existencial, consciente de que a dinâmica social se realiza sobremodo pelas relações (e ações!) entre as gerações. Mas em atenta conexão, sempre, com a condição de gênero e a situação de classe dos indivíduos e grupos geracionais. Minha tese espelhou isso: mulheres e homens idosos reunidos nos chamados grupos de convivência e programas para a terceira idade, em que avultava a condição de gênero; grupos, ao mesmo tempo, de diferentes classes sociais. Idosos, principalmente idosas, saindo da casca da aposentadoria ou da domesticidade e ampliando sua sociabilidade e iniciando, gradativamente, um processo de consciência de geração.

Vale aqui recorreremos às considerações da Profa. Dra. Clarice Peixoto, que também se dedica a reflexões nessa temática, ao homenagear a Profa. Alda no Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia:

Nos anos 2000, suas pesquisas focalizaram, principalmente, as questões de gênero no envelhecimento, com destaque para temas relacionados aos velhos e velhas centenárias brasileiras e à violência contra a mulher de mais idade. Neste ponto específico, Alda apresentou um trabalho no VII Simpósio Baiano de Pesquisadores sobre Mulher e Relações de Gênero, realizado em 2007, em que fez uma crítica contumaz à persistente dificuldade de cientistas sociais, inclusive as feministas, em trabalhar concomitantemente com as categorias gênero e geração, principalmente, na referência ao envelhecimento (publicado em 2010).¹¹

Com efeito, as reflexões da Profa. Alda sobre a articulação entre gênero e geração se estendem para além das contribuições às análises sobre gênero e envelhecimento. Ela desbravou novas avenidas de investigação e análise sobre famílias na contemporaneidade, em especial, no que tange à convivência, nem sempre pacífica, entre quatro ou mesmo cinco gerações em seu seio. Tem revelado, aliás, a violência voltada para idosos mesmo na família, não só a violência patrimonial, por meio do controle das pensões e aposentadorias a que eles fazem jus, como também a violência psicológica e até a física, a que a vulnerabilidade da velhice pode implicar. Por certo, essa não é a regra, mas não

¹¹ Disponível em: <https://www.sbsociologia.com.br/project/alda-britto-da-motta/>

deixa de ser uma triste realidade, como discutido pela professora em “Aproximações teóricas em análises de relações de gênero e entre gerações: o caso das violências contra a mulher idosa” (BRITTO DA MOTTA, 2010) e, novamente, em “Violência Contra a mulher idosa”, verbete incluído no Dicionário Feminino da Infância” (BRITTO DA MOTTA, 2015).¹² Tal questão foi destacada por ela na entrevista acima mencionada, quando lhe perguntaram se, sob seu ponto de vista, haveria avanços na forma de ver os idosos no Brasil:

Há avanços relativos. Há uma mistura indigesta de alguma atenuação do preconceito contra os velhos, com a persistência da desinformação sobre eles. Essa desinformação, que considero abismal, aliada ao medo da morte que o velho prenuncia, resulta em um mundo de atitudes inadequadas que os mais jovens têm em relação aos mais idosos, que leva, inclusive, a grandes lapsos científicos e inadequadas políticas públicas, de que bastaria dar um exemplo: que se sabe, se trabalha e se age em relação à violência contra os idosos, que é mais uma questão das relações entre as gerações que da propalada violência de gênero?

Uma de suas principais contribuições para o estudo de gênero e vida familiar se volta para a crescente presença de centenários, sobretudo mulheres, nessas famílias, tal como discutido em “Vivendo a longevidade: centenários em Salvador” (BRITTO DA MOTTA, 2013) e, mais recentemente, em “Famílias de Centenários no Brasil: Gênero e Relações de Família” (BRITTO DA MOTTA, 2019). Igualmente relevante é o destaque para o papel central que ela caracteriza como “geração pivô”: a que cuida tanto dos idosos e mesmo dos “velhos mais velhos”, como também de netos e bisnetos, às vezes até mesmo sob um mesmo teto, conforme abordado por Alda em “Mulheres entre o cuidado dos velhos e a reprodução dos jovens em famílias no Brasil” (BRITTO DA MOTTA, 2012).

Em “Idade e Solidão: a velhice das mulheres” (BRITTO DA MOTTA, 2018), publicado na Revista Feminismos em 2018, Alda Motta reporta-se à solidão vivenciada por muitas mulheres mais velhas, principalmente viúvas, por conta do descompasso demográfico entre os sexos: em média, os homens morrem mais cedo que suas companheiras. Por outro lado, homens mais velhos, sejam viúvos ou separados/divorciados, sempre têm mais cacife no mercado afetivo/matrimonial, vez que há sempre muito mais mulheres disponíveis do que homens. E ressalte-se que, para a Profa. Alda, a questão da solidão entre mulheres idosas ganhou maior destaque ainda com o distanciamento social imposto pela pandemia do Covid-19, principalmente para pessoas

¹² In: Elisabete Fleury. (Org.). Dicionário Feminino da Infância. 1ed.: , 2015, v. , p. 220-.

em grupo de risco, como os idosos, objeto de suas reflexões no artigo, “Velhas E Velhos Em Tempos De Pandemia”, publicado em 2020 (BRITTO DA MOTTA, 2020).

É preciso aqui acentuar a provocativa contribuição de suas reflexões teóricas para a construção do conceito de gênero e o de geração, por ela entendidos como categorias fundamentais para se pensar o social. Tal como ela bem expressou na sua já aludida entrevista:

O conceito de gênero é fundamental em qualquer análise da vida social que se faça. Como expressaram muito bem Malu Heilborn e Bruna Franchetto em um dos seus primeiros trabalhos, é um ângulo de leitura do mundo. Todo mito fundador é ao mesmo tempo uma história de relações de gênero. Até alcançarmos a plena percepção de que essas relações complementares são ao mesmo tempo desiguais, constituindo formas de exercício de poder e dominação, rolou a história da humanidade. E nesta luta continuamos. Mas acho que é o caso da geração, também. Essa discussão rasa de que relações entre as gerações não se inserem entre as três já consolidadas como representativas de antagonismo e dominação gênero, raça e classe social porque seriam apenas hierárquicas, não resiste a uma séria observação e estudo da realidade social. Não há identidade humana que deixe de abranger essas duas dimensões formativas de base, que são também historicamente constituídas.

De fato, as contribuições de Alda Motta para o avanço das reflexões em torno desses conceitos, tanto em termos teóricos quanto na sua substantividade com pesquisas de campo, têm sido amplamente reconhecidas por seus pares, seja por meio de citações, seja por homenagens específicas. Conforme observado anteriormente, a Sociedade Brasileira de Sociologia - SBS rendeu-lhe homenagem solene no seu Congresso de 2011, realizado em Salvador. Semelhante homenagem lhe foi conferida em 2014 pela Rede Regional Feminista Norte e Nordeste de Estudos sobre Mulheres e Relações de Gênero – a REDOR, reconhecendo a sua constante presença nos encontros da Rede, coordenando o Grupo de Trabalho sobre Gênero e Geração.

Por certo, não menos importante tem sido a outorga e renovação (por mais de duas décadas!) das Bolsas de Produtividade Senior do CNPq, honra merecida tanto pela qualidade quanto pela quantidade expressiva de sua produção científica. São 33 artigos publicados em periódicos, sendo que 29 deles se voltam para a temática de gênero, geração e envelhecimento; 10 livros e dossiês organizados ao longo de sua carreira, 7 deles na referida temática; 49 capítulos de livros, 35 deles versando sobre gênero, geração e envelhecimento; 75 Trabalhos completos publicados em anais de congressos (60 em torno dessa temática); 142 apresentações em eventos de porte (126 versando sobre suas principais temáticas).

Destacamos aqui, dentre os livros e dossiês organizados pela Profa. Alda Motta, a coletânea *Reparando a Falta. Dinâmica de Gênero na Perspectiva Geracional*, publicada pela Coleção Bahianas (2005), do NEIM/UFBA, em co-autoria com Eulália Lima Azevedo e Márcia Queiroz de Carvalho Gomes, ex-orientandas da Professora e integrantes da equipe do NEIM. Há que se atentar, em especial, para a introdução da coletânea, de autoria da Profa. Alda, onde ela nos brinda com uma “linha de vida” de sua trajetória como pesquisadora, desfiando nuances sobre suas escolhas nesse processo:

Minha trajetória profissional de pesquisadora tem estado, todo o tempo, claramente entrelaçada – na teoria e na prática – à minha condição humana: mulher, de classe média, da geração nascida na década de 30, de família branca, conservadora e um tanto orgulhosa de suas origens. Depois casada, três filhos e por fim separada e chefe de família. Mais recentemente viúva, avó, firme na trajetória.

Este, o background existencial com o qual a mulher/socióloga vem dialogando – às vezes brigando – ao longo da vida, principalmente para quebrar conservadorismos. E tendo também claro que “instalações” de vida e escolhas temáticas para o estudo teórico não raro coincidem; e neste caso frequentemente coincidiram.

Reconheço que há como um fio condutor muito nítido, e “espontâneo”, nas escolhas de pesquisas que tenho feito, que têm determinado uma espécie de diálogo da teoria com a política da existência. Caminho só momentaneamente – ou aparentemente – individual, porque represento, como todos, a realização de um “habitus” de classe (BOURDIEU, 1972), constituído também segundo o gênero e a geração. O particular, no meu caso, é que esse entrelace vida e pesquisa tem sido fruto de interesse forte e escolhas diretas. Mas temas, personagens e “populações” também não nos escolhem?! (BRITTO DA MOTTA, 2005, p.12)

Poder-se-ia discorrer ainda muito sobre esses temas, personagens e “populações” que ocupam os estudos e pesquisas às quais ela tem se dedicado nas suas várias décadas de trabalho como pesquisadora. Mas é preciso aqui nos voltarmos para a sua igualmente importante contribuição como docente, inclusive como precursora de disciplinas tratando das questões gênero, seja em cursos de graduação como de pós. Segundo a Profa. declarou, quando falou de sua relação com o NEIM:

Coincidentemente, [1983] foi o mesmo ano em que, na pós-graduação, dei meu primeiro curso sobre gênero. Intencionalmente afirmativo da categoria mulher: Mulher e Teoria Social. Tentando ainda desinvisibilizar a mulher na discussão teórica das ciências sociais, percorrendo os clássicos, Engels, Marx, Dürkheim, Levy-Strauss, etc, etc, passando por Simone como a linha do Equador entre a teoria oficial e o feminismo, e desaguando, ao final, nas feministas da segunda onda, de Betty Friedan a Shulamith Firestone. Dois semestres depois, por solicitação das alunas que haviam feito o curso anterior, dei a continuação dele, já enfatizando as relações de gênero e chegando à plena atualidade discursiva daqueles anos 80. Já aí abordando não apenas autores, ou melhor, autoras, mas também campos temáticos onde a discussão então se desenvolvia: mulher e trabalho, sobretudo (a força afirmativa, teórica e política, da época), mas também família e mulher e política.

Credenciada como docente do Mestrado em Ciências Sociais, nascido do antigo Mestrado em Ciências Humanas, e hoje PPGCS, assim como também credenciada no

PPGNEIM, a Profa. Alda Motta tem uma longa e rica trajetória, que se estende desde fins dos anos 1970 até os nossos dias, como professora orientadora de dezenas de trabalhos de conclusão voltados para estudos sobre mulheres, família, gênero e, especialmente, sobre gênero, geração e envelhecimento, suas áreas especiais de interesse. Por certo, os números atestam sua dedicação à formação de novas e novos pesquisadores! Dentre as orientações por ela concluídas, tem-se 18 dissertações, 9 teses de doutorado, 5 trabalhos de conclusão de curso e 46 orientações de alunas e alunos de PIBIC. Destaque-se ainda sua participação em 52 bancas de defesa de mestrado, 48 de doutorado e 40 de qualificações de mestrado e doutorado!

Alie-se a isso, também sua extensa contribuição como parecerista a projetos de pesquisa submetidos à CAPES, CNPq e demais agências de fomento, bem como a vários periódicos científico-acadêmicos avaliando artigos para publicação. Sem esquecer sua extensa e diversa atuação em cursos e projetos de extensão, a exemplo da prestação de assessoria a instâncias e organizações que lidam com questões de envelhecimento e assistência a idosos.

Tudo isso tem contribuído, há tempos, para o reconhecimento internacional de suas contribuições, tendo a Profa. Alda Motta atuado como pesquisadora visitante na Brown University (EEUA, 1990) e University of Cambridge (Inglaterra, 1995), participando, mais recentemente, como Professora Colaboradora da Universidade Nacional de La Patagonia San Juan Bosco, Argentina (de 2012 a 2015). Como bem destacou Clarice Peixoto, Alda Motta “engajou-se, igualmente, nos debates acadêmicos promovidos em congressos internacionais, pois a sua obra chama atenção pela capacidade de transitar entre as abordagens sociológicas e antropológicas, e de mobilizar conceitos clássicos destas duas disciplinas.”

Cabe ressaltar que, apesar de aposentada como Professora Adjunta desde 2002, e já adentrando em idade na casa dos 90 anos, a Profa. Dra. Alda Britto da Motta continua a participar da vida acadêmica da FFCH como professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e do PPGNEIM, oferecendo disciplinas e orientação, de qualidade, aos pós-graduandos, além de orientação de Bolsistas, alunas/os da graduação, através do PIBIC.

Em 2021, a Profa. Dra. Alda Britto da Motta, a “Aldinha do NEIM”, completou 50 anos dedicados à vida acadêmica na FFCH. Seu gabinete, nas instalações do NEIM, era certamente um dos mais frequentados: antes da pandemia, Aldinha ali marcava

presença diariamente. Não por acaso, recentemente, quando soube que, depois de mais de dois anos do distanciamento social imposto pela pandemia do COVID-19, em breve poderíamos voltar a frequentar as instalações do NEIM na FFCH e muitas de nós expressamos nossas saudades, ela observou: “e eu que morava lá”!!!

A trajetória acadêmica de Alda Motta, marcada pela produção de conhecimento de modo consistente, socialmente relevante e engajado e seu empenho na formação de jovens cientistas sociais ao longo de décadas a caracterizam como uma cientista de porte e uma docente inesquecível. Suas companheiras e amigas acadêmicas atestam a sua grande importância para os Estudos Feministas e para suas próprias vidas, indelevelmente marcadas por sua presença forte e sempre firme, ainda que com voz suave, na defesa das mulheres e das pessoas idosas. [Ph1]

Sim, com certeza, a FFCH da UFBA é, há quase cinco décadas, a casa acadêmica da Profa. Alda Britto da Motta e o NEIM, em especial, seu ninho de afetos de várias gerações de estudantes e colegas. Suas relevantes contribuições elevando o nome desta casa, a tornam com toda certeza merecedora do honroso título de Professora Emérita da Universidade Federal da Bahia.

PRINCIPAIS TRABALHOS DE ALDA BRITTO DA MOTTA

BRITTO DA MOTTA, Alda, Visão de Mundo da Empregada Doméstica. Dissertação apresentada ao Mestrado em Ciências Humanas, UFBA, 1977. Salvador, Bahia, mimeo.

BRITTO DA MOTTA, Alda; Zaíde MACHADO NETO. Tempo de mulher – tempo de trabalho entre mulheres proletárias em Salvador. *Ciência e Cultura*, v. 37, n. 9, 1985.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Emprego doméstico masculino. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 7, Águas de São Pedro (mimeo). 1984

BRITTO DA MOTTA, Alda. Emprego doméstico no capitalismo: o caso de Salvador. Cadernos do NEIM. Salvador, n. 2. 1985.

BRITTO DA MOTTA, Alda. A Relação Impossível. In: Hardman, Francisco: et al. (Orgs.). Relações de Trabalho e Relações de Poder: Mudanças e Permanências. 1ed. Fortaleza - CE: , 1986, v. 1, p. 229-238.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Associations of Domestic Servants: case of Bahia, Brazil. In: Third International Interdisciplinary Congress on Women, 1987, Dublin - Irlanda.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Gênero e Trabalho Doméstico: homens na área de serviço In: ORTIZ, Renato (org.) *Modernidade e Pobreza - As Ciências Sociais dos Anos 90*. 1 ed. Recife: FUNDAJ, 1991, v.1, p. 371-384

BRITTO DA MOTTA, Alda; CARVALHO, Inaiá. Familiarizando (-se com) o público e politizando o privado. in: Teresa Ximenes (org.), *Novos paradigmas e realidade brasileira*. Belém-Pará, 1993, v., p. 414-426.

BRITTO DA MOTTA, Alda. *Não tá morto quem peleia (a pedagogia inesperada nos grupos de idosos)*. 1999a. Tese de Doutorado/PPGE- UFBA.

BRITTO DA MOTTA, Alda. La dimension du genre dans l' analyse du vieillissement: le cas du Brésil. Temporalités du social et sexuation. *Cahiers du Genre*, v. 1, n. 24, p. 115-134, 1999b.

BRITTO DA MOTTA, Alda; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Marcia (orgs.). *Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas*. Salvador: NEIM/EDUFBA, Coleção Bahianas, 2000.

BRITTO DA MOTTA, Alda; AZEVEDO, E. L. (Org.) ; GOMES, M. Q. C. (Orgs.) *Reparando a falta: Dinâmica de Gênero em Perspectiva Geracional*. 1ª ed. Salvador, 2005. V. 1.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Aproximações teóricas em análises de relações de gênero e entre gerações: o caso das violências contra a mulher idosa. In: Joanildo A. Burity; Cibele Maria L. Rodrigues; Marcondes de A. Secundino. (Orgs.). *Desigualdades e Justiça Social: Diferenças Culturais & Políticas de Identidade*. 1ªed. Belo Horizonte: Argumentum Editora Ltda, 2010a, v. 2, p. 85-102

BRITTO DA MOTTA, Alda e WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p.175-184, 2010b.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Mulheres entre o cuidado dos velhos e a reprodução dos jovens em famílias no Brasil. *Ex Aequo* (Oeiras), v. 26, p. 68-84, 2012.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Vivendo a longevidade: centenários em Salvador. In: Sueli Souza dos Santos, Sergio Antonio Carlos. (Orgs.). *Envelhecendo com apetite pela vida*. 1ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013a, v., p. 63-81.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Violências específicas aos idosos. *Sinais Sociais*, v. 8, p. 63-85, 2013b.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Violência Contra a mulher idosa. In: Elisabete Fleury. (Org.). *Dicionário Feminino da Infância*. 1ed.: , 2015, v. , p. 220-.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Families of Centenarians. *Vibrant*, v. 13, p. 55-70, 2016.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Idade E Solidão: a velhice das mulheres. *Revista Feminismos*, v. 6, p. 88-96, 2018

BRITTO DA MOTTA, Alda. Famílias de Centenários no Brasil: Gênero e Relações de Família. In: Lucía Monteiro; Mariana Paredes. (Orgs.). *Desde la niñez a la vejez: nuevos desafíos para la comprensión de la sociología de las edades*. 1ed. Buenos Aires: Teseo, 2019, v., p. 299-324.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Velhas E Velhos Em Tempos De Pandemia. In: Elaine Pedreira Rabinovich; Sumaia Midlej Pimentel Sá. (Orgs.). *Envelhecimento & Velhice Em Tempos De Pandemia*. 1ed. Curitiba: CRV, 2020, v. 25, p. 15-26.

OUTRAS REFERÊNCIAS

BALBACHEVSKY, E.. A pós-graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida. In: BROCK, C.; SCHWARTZMAN, S.. Os desafios da educação no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005

PEIXOTO, Clarice. Alda Britto da Motta. Disponível em:
<https://www.sbsociologia.com.br/project/alda-britto-da-motta/>

SARDENBERG, Cecilia M.B. História e Memória do Feminismo Acadêmico no Brasil: O Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA. *Revista Feminismos*, Vol.8, n3, 2020.